

O HUMANISMO E A ESCOLA NA PERSPECTIVA GRAMSCIANA

Laerci Jansen Rodrigues Filho¹

Segundo Nogueira (2008) existem três sentidos fundamentais, relacionados entre si, com os quais se pode entender o humanismo.

1) Existe o humanismo histórico literário, característico da renascença, que lança suas raízes no século XIII e irradia sua luz até o século XVIII. Sua principal característica é o estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, dos quais tenta assimilar os valores humanos.

2) Há o humanismo de caráter especulativo-filosófico que tem como principal preocupação a origem, natureza e destino do homem. Neste sentido o humanismo configura-se em qualquer doutrina que em seu conjunto dignifica o homem.

3) Há, por fim, o humanismo de caráter ético-sociológico, que visa tornar-se práxis, costume e convivência social. Esta vertente considera que uma teoria que não seja acompanhada por uma ação correspondente, ou seja, que não se torne práxis, acaba tornando-se estéril. O humanismo ético-sociológico é uma derivação lógica do humanismo de caráter especulativo-filosófico e encontram-se profundamente imbricados entre si.

Concernente com essas designações, o intelectual humanista, característico dos tempos modernos, está comprometido com a rejeição das formas culturais da Idade Média e a renovação do pensamento da Antiguidade Clássica. Tal postura justifica-se porque os humanistas deste período consideravam que tanto sua cultura quanto a cultura clássica “enfrentavam a problemática do homem livre e sua inserção no mundo natural e social, e os antigos lhe davam uma orientação, uma resposta para seus problemas.” (HILSDORF, 2005, p.13). Porém, esse movimento de renovação referenciado na cultura greco-romana, embora seja reconhecida por Gramsci como a forma particular desse período de expressar uma nova concepção de mundo, acaba por não gerar, na Itália, uma renovação no plano político e ideológico, mesmo tendo homens como Maquiavel se esforçado muito para isso. O que na acepção gramsciana acabou por acontecer foi o “florescimento de uma

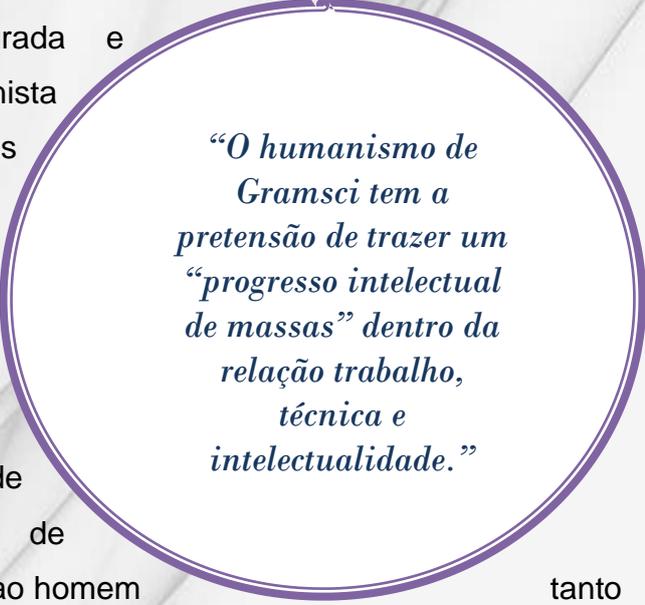
¹ Professor de Filosofia e coordenador da revista Paideia

intelectualidade cosmopolita que jamais se vinculou às massas italianas que estavam, nesse período, nacionalizando-se. Esse é o caráter reacionário do humanismo italiano que possibilitou a reabsorção do movimento nos marcos da política vaticana medieval e imperial.” (VIEIRA, 2000, p. 61). Embora tendo em seu bojo uma proposta inovadora, as propostas humanistas na Itália foram incapazes de se dirigir ao povo e de legar a esse uma mudança qualitativa de sua realidade.

O humanismo de Gramsci tem a pretensão de trazer um “progresso intelectual de massas” dentro da relação trabalho, técnica e intelectualidade. Segundo ele o homem moderno deveria ser a síntese das melhores características do homem de cada nação: o engenheiro americano, o filósofo alemão, o político francês, recriando, por assim dizer, o homem italiano do Renascimento, o tipo moderno de Leonardo Da Vinci convertido em homem massa ou homem coletivo, ainda que mantendo sua personalidade forte e originalidade individual. (GRAMSCI, 1966b)

Aqui se insere o ideal de universalidade buscado pelo humanista renascentista. Este tem interesse em todas as matérias do conhecimento de forma integrada. Para eles não deveria haver delimitação entre poesia, matemática e filosofia. São homens universais, como o próprio Da Vinci o foi, simplesmente porque para eles tudo é filosofia, tudo é conhecimento humano. De posse dessa visão integrada e integradora a educação humanista persegue o domínio das linguagens que dêem a capacidade ao homem de representar o mundo enquanto objeto de conhecimento e ação (HILSDORF, 2005).

Tomando o homem como potencialidade de uma unidade Gramsci desenvolve o conceito de Escola Unitária, capaz de propiciar ao homem tanto conhecimentos técnicos, úteis para a sociedade industrial, quanto conhecimentos de cunho abstrato, capaz de dar ao homem independência de



“O humanismo de Gramsci tem a pretensão de trazer um “progresso intelectual de massas” dentro da relação trabalho, técnica e intelectualidade.”

pensamento e assim, útil para o trabalho intelectual. Seria, portanto, uma formação completa, verdadeiramente formadora do ser humano integral.

Eis porque, na escola unitária, a última fase deve ser concebida e organizada como a fase decisiva, na qual se tende criar os valores fundamentais do 'humanismo', a autodisciplina intelectual e a autonomia moral necessária a uma posterior especialização, seja ela de caráter científico (estudos universitários), seja de caráter imediatamente prático-produtivo (indústria, burocracia, organização das trocas, etc.). (SOUZA, 2002, p. 153).

Desde sua infância, até os dolorosos dias passados no cárcere, Gramsci conviveu com a violenta dicotomia oriunda da hegemonia burguesa. Tendo nascido e crescido na pobre e atrasada Sardenha experimentou a exploração das regiões mais ricas (parte continental) sobre sua província. No entender de Nosella (2004), neste sistema os ricos tinham mais acesso aos estudos que os pobres; a cidade era próspera e avançada enquanto o campo atrasado e decadente; os intelectuais pensavam e os operários executavam ordens; os políticos dirigiam e as massas obedeciam; espírito e matéria não se encontravam; um era o reino da necessidade e outro era o reino da liberdade.

No âmbito da formação humana Gramsci vê como danosa, sobretudo, a dicotomia entre a escola do saber, dirigida à elite burguesa que se ocuparia do trabalho intelectual; e a escola do fazer, voltada ao trabalho manual e, portanto, aplicada às massas populares. Esta distinção entre trabalho manual e intelectual é considerada por Gramsci como completamente incoerente, visto que esta aceção não considera a teia das relações sociais que a dimensão do trabalho instrumental envolve. Dessa forma independente da atividade exercida, todo trabalho sempre envolve uma atividade intelectual posto que está inserido no âmbito das relações sociais (MANACORDA, 1990). Sobre esta racionalidade que dicotomiza o trabalho Marx assevera, “Subdividir um homem é executá-lo, se merece a pena de morte, e se não merece, assassina-lo... A subdivisão do trabalho é o assassinato de um povo.” (MARX, 2004, p. 32)

A história da educação é toda marcada por esta separação equivocada entre o saber e o fazer, trazendo consigo as cisões sociais e políticas. A burguesia, ao quebrar o monopólio da Igreja sobre educação transformou-a em

dever do Estado e direito de todos, porém ao mesmo tempo provocou uma cisão dentro do sistema de ensino-aprendizagem que se configurou na escola do saber para a burguesia e a escola do fazer para os trabalhadores.

A resposta de Gramsci a este modelo educacional que se propõe a formar de um lado mão-de-obra barata e subalterna e de outro uma elite intelectual está em sua proposta de integração entre a escola humanística e a escola do trabalho, uma escola unitária que tem como proposta a formação do novo homem, crítico e capaz de construir a si mesmo e a sociedade.

O proletariado precisa de uma escola desinteressada. Uma escola na qual seja dada a criança a possibilidade de ter uma formação, de tornar-se homem, de adquirir aqueles critérios gerais que servem para o desenvolvimento do caráter. Em suma, uma escola humanista (...) Uma escola de liberdade e de livre iniciativa, não uma escola de escravidão e de orientação mecânica. A escola profissional não deve se tornar uma incubadora de pequenos monstros aridamente instruídos para um ofício, sem idéias gerais, sem cultura geral, sem alma, mas só com o olho certo e a mão firme. Mesmo através da cultura profissional é possível fazer com que surja da criança o homem, contanto que se trate de cultura educativa e não só informativa, ou não só prática manual. (GRAMSCI, 2004, p. 75)

Assim sendo, a aspiração de Gramsci era que a escola do trabalho, dirigida às classes populares, não se limitasse a formar operários e técnicos, mas também deveria educar o ser humano de forma “desinteressada” para que ele pudesse, de fato, exercer sua humanidade de forma livre, consciente e responsável.

O conceito de escola desinteressada foi elaborado por Gramsci no momento em que ele estava envolvido na querela sobre a formação de quadros dirigentes para o Estado operário², se estes deveriam receber uma educação para este fim durante ou após a revolução. Segundo Gramsci a escola interessada do modelo burguês tinha como objetivo, a partir da instrução dicotomizada, manter as massas na passividade intelectual e moral. Daí a necessidade de uma escola que superasse essas limitações. A escola

² Esta produção data dos anos em que Gramsci esteve à frente do Ordine Nuovo, mais adiante, já no cárcere fascista, Gramsci continuaria desenvolvendo o tema ao falar da reforma educacional de Gentile.

desinteressada “conota horizonte amplo, de longo alcance, isto é, que interessa objetivamente não apenas a indivíduos, ou a grupos, mas à coletividade e até a humanidade inteira” (NOSELLA, 2004, p.42).

Ao avaliar as diferentes interrelações entre vida e responsabilidade (prática social) e vida de formação (escola) Gramsci avalia de forma diferenciada as limitações e vicissitudes da formação escolar do burguês e do proletariado dadas pela escola tradicional. Uma dessas limitações corresponde ao excesso de autoconfiança, pedantismo e presunção acadêmica suscitada nos jovens burgueses por acreditarem ter abarcado todo o saber por conta dos conceitos aprendidos na escola. Tal postura não beneficia a aprendizagem científica e acaba se tornando um perigo para a manutenção da hegemonia capitalista. Atento a este perigo, o sistema hegemônico procura criar escolas adequadas que procuram sanar este problema. A classe operária, ao contrário, tem parte de seu aprendizado constituído na própria práxis, afastado do conhecimento sistemático e científico. Este processo lega as classes subalternas uma auto-estima consideravelmente baixa (SOUZA, 2002). Tal prática educativa, baseada na exploração capitalista do trabalho, embrutece os mais jovens e provoca uma degradação moral, no que Marx adverte:

A obliteração intelectual dos adolescentes, artificialmente produzida com a transformação deles em simples máquinas de fabricar mais-valia, é bem diversa daquela ignorância natural em que o espírito, embora sem cultura, não perde sua capacidade de desenvolvimento, sua fertilidade natural. (MARX, 2004, p. 69)

“A aspiração de Gramsci era que a escola do trabalho, dirigida às classes populares, não se limitasse a formar operários e técnicos, mas também deveria educar o ser humano de forma “desinteressada” para que ele pudesse, de fato, exercer sua humanidade.”

Assim sendo, a escola que possui o defeito de elevar de forma exagerada a autoconfiança, não representa o mesmo perigo para as classes

operárias tanto quanto para as classes burguesas, visto que o operário já possui de si uma visão subalterna, acreditando ser sempre mais ignorante e incapaz do que realmente é (SOUZA, 2002). “(...) muitas pessoas do povo pensam que, nas dificuldades do estudo, exista um ‘truque’ contra elas (quando não pensam que são estúpidos por natureza): vêem o senhor (e para muitos, especialmente no campo, senhor quer dizer intelectual) realizar com desenvoltura e aparente facilidade o trabalho que custa a seus filhos lágrimas e sangue...” (GRAMSCI, 1982, p. 139).

Esta postura o inibe a levantar opiniões e idéias, pois se acostumou a acreditar que este não é seu papel. Cabe sim a ele, enquanto operário, respeitar e seguir as idéias dos que possuem mais entendimento, obedecer às suas ordens e escutar resignado o que estes têm a dizer.

A escola concebida por Gramsci está profundamente relacionada com a experiência social concreta, onde se travam as lutas pela hegemonia. Neste sentido não há como dissociá-la da filosofia da práxis, nela a formação é forjada no próprio trabalho de forma desinteressada na medida em que tem como meta a liberdade integral do gênero humano³.

Educar as massas possui o significado de elevar o senso comum coletivo de uma visão de mundo parcial para uma consciência orgânica e sistemática. Embora Gramsci considere todo homem um filósofo, pois todos têm uma concepção de mundo, o autor entende as limitações desta realidade. “A filosofia é uma ordem intelectual, o que nem a religião, nem o senso comum podem ser. A filosofia é a crítica e a superação da religião e do senso comum e, neste sentido, coincide com o “bom senso” que se contrapõe ao senso comum” (GRAMSCI, 1966, p. 14). O bom senso é o núcleo que reside no senso comum que, se bem trabalhado, ganhará a coerência e a sistematização necessária para torná-la forte. O processo educativo tem que partir desta realidade, do seio do povo, discernindo soluções para seus problemas; apontando caminhos para seus anseios. Dessa forma será possível a

³Esse processo de tomada de consciência emancipa o homem para além de uma vivência individualista na sociedade. Ele se compreende como bloco histórico na medida em que está envolvido na construção do mundo e de si mesmo organicamente, este, segundo Gramsci é o momento da catarsis. "A fixação do momento 'catártico' torna-se assim, creio, o ponto de partida de toda filosofia da práxis; o processo catártico coincide com a cadeia de síntese que resulta do movimento dialético" (GRAMSCI, 1966, p. 53).

construção de uma concepção de mundo diferente onde se possa estabelecer uma reforma intelectual e moral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GRAMSCI, Antonio. **Escritos políticos**. Vol.1; organização e tradução Carlos Nelson Coutinho – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

_____. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1982.

_____. **Concepção dialética da história**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. **Cartas do cárcere** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966b.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo. **Pensando a educação nos tempos modernos**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

MANACORDA, Mario A. **O princípio educativo em Gramsci**. Tradução de William Lagos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MARX, K. e ENGELS, F. **Textos sobre educação e ensino**. Trad. Rubens E. Frias. São Paulo: centaur, 2004

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismo e anti-humanismo: Introdução à antropologia filosófica**, 11ª edição – Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

NOSELLA, Paolo. **A escola de Gramsci**. 3ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SOUZA, Dileno Dustan Lucas de. **Gramsci e a formação humanística**. Universidade e sociedade, p. 145-154, 2002.

VIEIRA, Carlos Eduardo. **Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci**. Educação e Pesquisa, Universidade de São Paulo, v. 25, n. 1, p. 51-66, 2000.